

**TK030 - CULTURA ITALIANA E IDENTIDADE IMIGRANTE NA
FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS GERAÇÕES DE MATEMÁTICOS
BRASILEIROS NO SÉCULO XX****Luciana Vieira Souza da Silva**

Universidade de São Paulo – USP

vssluciana@gmail.com**Resumo**

Durante o século XX, muitas foram as mudanças culturais e educacionais ocorridas na cidade de São Paulo. O campo da educação matemática também passou por certas mudanças, como quando é criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934, e quando na ascensão do Movimento da Matemática Moderna, em meados do mesmo século. Partindo desses momentos, o presente trabalho visa apresentar alguns dos elementos culturais do imigrante italiano que podem ter contribuído à formação da identidade das primeiras gerações de matemáticos do período.

Palavras-chave: Imigração italiana; educação matemática; identidade.

Abstract

During the twentieth century, there were many cultural and educational changes that have occurred in the São Paulo city. The mathematics education field has also undergone certain changes, such as when was created the Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo in 1934, and when the rise of Modern Mathematics Movement in mid-century. From these moments, this paper presents some of the cultural elements of Italian immigrant who may have contributed to the formation of the identity of the first generations of mathematicians of the period.

Keywords: Italian immigration; mathematics education; identity.

Em meados do século XX, surge no Brasil o Movimento da Matemática Moderna (MMM), tendo como objetivo principal a promoção de mudanças curriculares no ensino da matemática escolar. Em um contexto internacional, mais especificamente no âmbito europeu e norte-americano, a emergente modernização do ensino da matemática se justificava pelo desenvolvimento econômico, científico e tecnológico pelo qual diversos países ao redor do globo passavam (OLIVEIRA; SILVA; VALENTE, 2011). Neste contexto, o presente trabalho busca compreender de que modo

a proximidade com a cultura italiana dos imigrantes que viveram na cidade de São Paulo pode ter influenciado o campo da educação matemática, atuando na construção da identidade dos membros desse grupo profissional, desde a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), onde lecionaram professores italianos e descendentes, a partir de 1934, até meados do mesmo século, onde culmina o MMM, que, por sua vez, conta com egressos da FFCL-USP.

O início da FFCL-USP: parte da formação da identidade do matemático brasileiro

A primeira legislação federal que delinearía as características de uma universidade data de 1931, a conhecida “Reforma Francisco Campos” (FAUSTO, 2009). Na concepção de Campos, a universidade deveria adotar uma postura mais desenvolvimentista da sociedade, atuando de forma a se tornar uma liderança intelectual e técnica, proporcionando um crescimento cultural para a nação através da “investigação e da ciência pura”. Os cursos ministrados teriam, então, ligação direta com a investigação científica e, para tanto, seria necessário a criação de institutos especializados com certa autonomia da universidade. Porém, tanto a autonomia quanto os institutos não foram implantados facilmente, pois “(...) a ciência e a educação não estavam entre as maiores prioridades do governo de Getúlio Vargas (1930-1945)” (SCHWARTZMAN, 2001, p. 9).

A Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Francisco Campos não foi criada, entretanto, os governos da cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, na década de 1930, deram início às duas primeiras universidades brasileiras: a Universidade do Distrito Federal e a Universidade de São Paulo (SCHWARTZMAN, 2001).

No ano de 1934, os primeiros Estatutos da Universidade de São Paulo são aprovados, inicialmente, com a intenção de implementar uma espécie de “variante paulista” do modelo apresentado pela “Reforma Francisco Campos” (MOTOYAMA, 2006). Uma das primeiras dificuldades encontradas na ocasião da formação da FFCL-USP, que objetivava ser um centro de altos estudos, era a formação de um corpo docente dentro dos parâmetros esperados pelos fundadores da Universidade, uma vez

que muitas das áreas do conhecimento a serem ali desenvolvidas ainda não eram trabalhadas no país. Para suprir essa demanda, o professor da Escola Politécnica, Theodoro Ramos, que seria então o primeiro diretor da FFCL-USP, entrou em contato com os governos francês e italiano para que fossem enviados jovens e promissores mestres ao país, para os quais seriam oferecidos uma série de benefícios. No caso da matemática, foram recebidos os professores Luigi Fantappié (Análise Matemática e Geometria) e Giacomo Albanese (Geometria Projetiva e Analítica, e História da Matemática) (MOTOYAMA, 2006).

A presença italiana na construção da Matemática Universitária se inicia logo na implementação da FFCL-USP. A identidade desse grupo de matemáticos formados pela instituição, ou seja, o ideal por eles partilhado (HALL, 2006), teria como um de seus elementos a cultura italiana, através da convivência cotidiana com os professores estrangeiros. Benedito Castrucci, formado na FFCL-USP em 1939, corrobora com essa hipótese de convívio cultural quando afirma, em entrevista concedida à Freitas (1993), que as aulas eram ministradas em italiano e que os livros adotados pelos professores, até pelo fato de que a produção de material didático universitário nacional ainda era demasiado deficiente, eram todos na língua italiana. Desse fato surge outra hipótese: a de que os alunos do curso de Matemática da FFCL-USP deveriam ter algum conhecimento do idioma, caso contrário o sucesso acadêmico estaria comprometido por conta de uma barreira linguística.

No âmbito do Programa de Iniciação Científica desenvolvido pela autora de 2011 a 2012 na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), foi buscada a reconstituição do mercado editorial de livros didáticos de matemática (1950-1979), destacando quem eram os autores mais representativos (os que apresentassem cinco ou mais publicações), bem como analisando a trajetória individual de cada autor. Os nomes encontrados foram: Aida F. S. Munhoz, Algacyr M. Maeder, Benedito Castrucci, Carlos Galante, Iracema Ikiezaki, José R. Giovanni, Miguel A. Name, Orlando A. Zambuzzi, Osvaldo Sangiorgi, Osvaldo M. dos Santos, Ronaldo G. Peretti, Scipione Di Pierro Netto e Wanda Nano. Ao analisar a trajetória desses autores, foram detectados os seguintes pontos em comum:

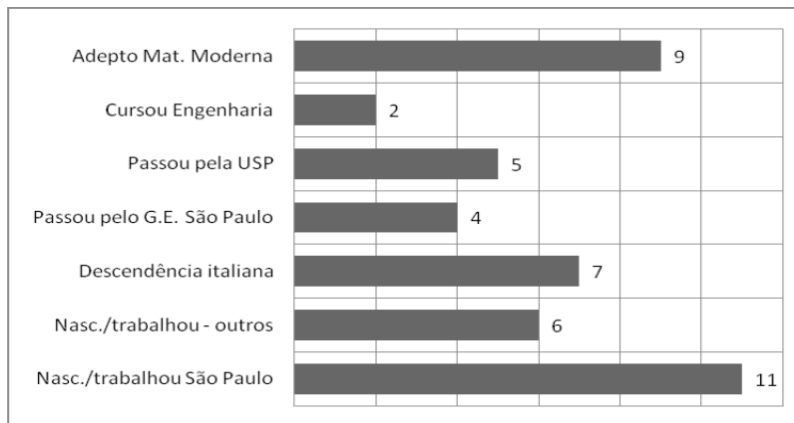


Figura 1: Gráfico dos locais de maior ocorrência nas trajetórias individuais

A partir da figura 1, observa-se maior ocorrência de descendentes de italianos¹; adeptos da temática da matemática moderna; e sujeitos que tiveram passagem, em algum momento da trajetória, pela cidade de São Paulo. A partir desses resultados, o projeto destinou-se a compreender de que modo a cultura do imigrante italiano na cidade de São Paulo, a saber, os hábitos e ocupações profissionais; a busca pela ascensão social; os hábitos escolares e educacionais; o possível nacionalismo italiano e/ou brasileiro; as tradições linguísticas, indumentárias e, mesmo, alimentares, vieram a ser elementos constitutivos da identidade de seus descendentes. Afinal, ao deparar com um grupo de matemáticos que pode ter tido contato com esses elementos culturais, seria importante compreender em que medida essa aproximação contribuiu para a formação da identidade do grupo, ou seja, em que medida seus *habitus* de grupo externalizaram sujeitos que buscavam, por meio de seus livros didáticos e eventuais militâncias no MMM, a mudança curricular de uma disciplina.

O imigrante italiano na São Paulo da primeira metade do século XX

Partindo da afirmativa de que a maioria dos matemáticos representativos do recorte da pesquisa era de descendência italiana e teve passagem pela cidade de São Paulo, é importante compreender que elementos de *habitus* podem ter sido transmitidos aos que partilham desses pontos em comum.

¹ Os dados relativos à descendência foram buscados, a partir do sobrenome, no acervo digital do Museu da Imigração, disponível em <http://www.museudaimigracao.org.br>.

O estilo de vida desses imigrantes na cidade de São Paulo pode ser mobilizado a partir dos traços deixados pela obra de Antônio de Alcântara Machado (1901-1935), “Brás, Bexiga e Barra Funda”, de 1927² (MACHADO, 2001). Da reunião de crônicas com a temática voltada à vida dos italianos imigrantes em solo paulista, o conjunto de textos que um dia foi publicado em jornal corrente da época hoje constitui um livro que permite conhecer traços da dinâmica da vida do ítalo-brasileiro em solo paulista. A obra de Machado (2001), logo no início, apresenta a chegada dos italianos no Brasil, onde, após certo tempo e apesar da desconfiança dos povos que aqui já habitavam, os imigrantes conseguiram adaptar-se, integrar-se, trabalhar e até mesmo prosperar (entendendo prosperidade como o alcance da subsistência por meio do próprio trabalho e da ascensão social das gerações subsequentes). A imagem da criança filha de italianos que é passada pelas crônicas é daquela que recebe severa educação por parte dos pais (papel principalmente desempenhado pelas mães), onde eram punidas pelas más condutas. Existia grande preocupação por parte dos pais na questão das vestimentas dos filhos, que, mesmo sendo poucas e de qualidade inferior, deveriam estar sempre limpas e algumas ainda deveriam ser separadas para ocasiões especiais, tais como casamentos e enterros (situações também colocadas como as únicas onde os italianos andavam de carro, uma vez que pela baixa posição econômica e social por eles ocupada, só poderiam andar de “bonde”).

Dentre as ocupações profissionais desempenhadas pelos imigrantes italianos, foram encontradas muitas ligadas ao comércio. Durante as relações profissionais eram externalizadas uma série de ideias e ideais, como a questão da presença marcante do nacionalismo italiano (mesmo em solo brasileiro), exemplificada quando na escolha de determinado nome para um comércio, em grande medida se remetendo ou a um lugar da Itália ou dizeres escritos em italiano. As pessoas conversavam em seu idioma natal e procuravam manter tal conduta como tradição para os filhos, os quais, por sua vez, pareciam estar transpondo o nacionalismo italiano para uma forma de nacionalismo brasileiro (MACHADO, 2001). Uma das atividades diárias de muitos italianos era a leitura do jornal *Fanfulla*, o qual é citado por Machado (2001) em uma das crônicas em que apresenta uma leitura em voz alta e com entusiasmo sobre notícias da guerra. Galante, um dos autores representativos, também cita o jornal logo no início de sua

² Os direitos autorais da obra foram comprados pela editora Itatiaia de Belo Horizonte em 2001.

autobiografia, no tópico intitulado “O Brás que conheci”: “Lia-se o Fanfulla, jornal editado em italiano, muito mais que o Estadão [jornal brasileiro]” (1966, p.11).

Além disso, o nacionalismo ainda estava presente nas ações cotidianas, como a conversa entre vizinhos que se sentavam em cadeiras dispostas nas calçadas, onde o assunto predominante era a Itália; músicos que procuravam se encontrar para entoar músicas do país de origem; as crianças que conversavam em português, mas sempre com uma ou outra palavra em italiano entre as frases, dada a influência dos pais que, majoritariamente, conversavam em italiano; os hábitos alimentares, que eram constituídos pelo consumo de comidas tipicamente italianas, entre outras ações (MACHADO, 2001). Esse era um período em que a cultura italiana na cidade de São Paulo era marcadamente presente, conforme visualiza-se em relatos de um observador da época, que dizia que não sabia se “a Itália o seria menos em São Paulo. No bonde, no teatro, na rua, na igreja, fala-se mais o idioma de Dante que o de Camões” (BRUNO *apud* SANTOS, 2008, p. 36). Traços culturais também eram vistos nas “numerossíssimas sociedades italianas de música e de pintura. Vinhos, pães, automóveis, roupas, tecidos, livros, anúncios, tudo [era] (...) italiano”, conforme as impressões de viagem de Gina Lombroso Ferrero, publicadas na Itália em 1908 (VERSACI *apud* SANTOS, 2008, p. 14).

A baixa posição social ocupada pelos imigrantes italianos do início do século XX também apresentava reflexos no nível educacional dos sujeitos; entre 1882 e 1907, de acordo com os Registros de Entrada do Imigrante, 90% dos italianos que deram entrada no Brasil eram analfabetos. No entanto, boa parte dos ensinamentos acerca dos ofícios profissionais era transmitido oralmente e, junto com eles, a busca do abandono do emprego como operário ou empregado e subsequente construção de um negócio próprio, com fins em uma ascensão social (FACCHINETTI, 2004).

A partir das leituras realizadas sobre a vida dos imigrantes italianos, podemos considerar que a identidade de seus descendentes foi construída com bases no nacionalismo, busca de ascensão social por meio do trabalho e, assim, suas escolhas em seus espaços de possíveis estariam debruçadas sobre este *habitus* de classe. Havia a consciência da posição social ocupada e, de algum modo, existia certo incômodo com tal situação. Quando um *habitus* encontra um campo parecido com aquele sob o qual foi

constituído, sua externalização ocorre de maneira mais fluente, uma vez que não encontra tantos obstáculos quanto encontraria se estivesse em um campo hostil (BOURDIEU, 2011). Muitos filhos de italianos estudaram no Ginásio Estadual São Paulo, situado no bairro do Brás (Machado, 2001; Galante, 1966), o que caracteriza um local onde o *habitus* dos pertencentes a determinada classe social pôde ser melhor externalizado e reforçado. O mesmo fenômeno pode ter ocorrido na FFCL-USP.

Ao deparar-se com um corpo docente italiano, que formaria matemáticos como Benedito Castrucci, que mais tarde também se tornaria professor da instituição (FREITAS, 1993), a FFCL-USP foi mais um local de formação e externalização do *habitus* de classe do ítalo-brasileiro. A partir do momento em que o curso de matemática era ministrado, no início, em língua italiana e contando com material didático no mesmo idioma, a tradição universitária que ali se iniciava tinha raízes na própria cultura italiana, o que tornaria a externalização daqueles cuja formação inicial foi semelhante algo mais confortável.

O *habitus* de classe e a matemática moderna

Por se tratar de um movimento de mudanças curriculares de nível nacional, o MMM compreendia matemáticos que atuavam como militantes. É o caso de um de seus líderes, Osvaldo Sangiorgi, apontado nos resultados como um dos autores mais representativos do período, que além de produzir material didático sobre a nova temática, ainda participou de cursos, congressos, programas de televisão, entre outros, com fins na difusão da matemática moderna (OLIVEIRA; SILVA; VALENTE, 2011). Se para se efetivar como um currículo oficial a matemática moderna precisaria ser divulgada para matemáticos e personalidades políticas influentes por todo o território nacional, é possível inferir que um elemento do *habitus* de classe dos imigrantes italianos que pode ter estado presente em seus descendentes matemáticos é da “inquietação” pela busca de ascensão social por meio do trabalho.

As escolhas profissionais desses descendentes matemáticos também podem estar ligadas a essa busca pelo novo; trabalhando no limite do que lhes era permitido, a

escolha das Licenciaturas na FFCL-USP, de acordo com Schwartzman (2001), muitas vezes eram feitas pelos filhos de imigrantes e demais grupos menos favorecidos economicamente. Mesmo assim, o exercício profissional desse grupo não se limitou ao professorado; escreveram livros didáticos com elevados números de publicação; trabalharam na divulgação e adoção de uma temática moderna da matemática, que primava por transformações de nível educacional e social nacional, e também, mesmo que não conscientemente, trabalharam por suas próprias ascensões simbólicas e sociais individuais, assim como fez boa parte de seus antepassados italianos de São Paulo.

Considerações finais

A partir dos elementos culturais apreendidos a partir das análises acerca do estilo de vida do italiano imigrante na cidade de São Paulo, foi possível inferir que as decisões tomadas dentro de seus espaços de possíveis, como a adaptação na FFCL-USP, mais precisamente no curso de Matemática; a elaboração de material didático; a vida na cidade de São Paulo, uma cidade onde era presente a cultura italiana; bem como o trabalho em prol da mudança curricular, representada pela aderência à matemática moderna no período em questão, tiveram raiz nos elementos deixados pelos primeiros imigrantes italianos, que sempre apresentavam certa inquietação com a situação estabelecida, nacionalismo e uma espécie de *gosto por* mudanças e autonomia no trabalho.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Kern, D.; Teixeira, G. J. F. (tradução). 2ª ed. Porto Alegre: Zouk, 2011.

FACHINETTI, L. *Parla! O imigrante italiano do segundo pós-guerra e seus relatos*. São Paulo: Angellara, 2004.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. 13ª ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

FÉTIZON, B. A. M. *Faculdade de Educação: antecedentes e origens*. Rev. Estudos avançados [online], v. 8, n. 22, 1994, p. 365-373. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n22/46.pdf>, acesso em 09/09/2012.

FREITAS, S. M. *Reminiscências*. São Paulo: Maltese, 1993.

GALANTE, C. *Memórias Carlos Galante. Como perder o medo da matemática*. São Paulo: Ed. do Brasil, 1966.

HALL, S. *A identidade Cultural na Pós Modernidade*. Silva, T. T.; Louro, G. L. (tradução). 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

MACHADO, A. A. *Brás, Bexiga e Barra Funda: Notícias de São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

MOTOYAMA, S. (org.) *USP: 70 Anos: Imagens de uma História Vivida*. São Paulo: EDUSP, 2006.

OLIVEIRA, M. C. A.; SILVA, M. C. L.; VALENTE, W. R. (orgs.) *O Movimento da Matemática Moderna: história de uma revolução curricular*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2011.

SANTOS, C. J. F. *Nem tudo era italiano: São Paulo e a pobreza: 1890-1915*. 3ªed. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2008.

SCHWARTZMAN, S. *Um Espaço para a Ciência*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2001.